



PORTUGAL

O PIONEIRO DA GLOBALIZAÇÃO

A Herança das Descobertas



Jorge Nascimento Rodrigues
Tessaleno Devezas



A invenção de Portugal

Acaba de surgir a primeira demonstração, através de modelos de base científica, de que Portugal foi o país pioneiro da globalização. É um novo olhar sobre a História de Portugal, da Europa e do Mundo, uma investigação interdisciplinar ambiciosa que conduziu a três inovações científicas: uma nova metodologia para o estudo da História, a demonstração através de modelos matemáticos de que Portugal foi o pioneiro da globalização e a identificação da «Matriz das Descobertas» que levou o país a emergir como potência mundial, uma herança considerada pelos autores como «o activo fundamental do nosso capital intelectual».

Expresso, 30 de Junho de 2007

Perguntas acutilantes

Faltava no panorama bibliográfico nacional um livro como este, que o Centro Atlântico lançou recentemente.

Com este livro do jornalista Jorge Nascimento Rodrigues e do investigador Tessaleno Campos Devezas formulam-se perguntas acutilantes sobre o que se viveu no nosso passado recente e o que poderá extrair-se para o presente.

Semanário Económico, 29 de Junho de 2007

Um tema que marca a agenda

Um livro inspirador e bem fundamentado do ponto de vista histórico e científico sobre o pioneirismo de Portugal no processo da globalização – um tema que hoje marca a agenda dos economistas em todo o mundo – e as futuras superpotências.

Público, 8 de Junho de 2007

O livro que faltava

Este é o livro que faltava sobre a epopeia dos Descobrimentos portugueses visto à luz da ciência económica e da geopolítica. Dois autores nacionais demonstram que Portugal foi a primeira potência mundial a desencadear o fenómeno irreversível da globalização, um tema hoje tão em voga no mundo académico e empresarial.

Executive Digest, Julho de 2007

Convincente e fácil de ler

Esta é uma contribuição inovadora ao debate global sobre globalização. Apresenta de forma convincente e fácil de ler o caso do pioneirismo de Portugal na fase inicial da globalização. É ainda uma extensão do teste de uma análise evolucionista deste processo, que é dirigido pelas ondas K, e que está inserido no ciclo longo da política global.

George Modelski – Professor de Ciência Política na Universidade de Washington, Estados Unidos. Especialista em ciclos geopolíticos e geoeconómicos.

Para quem ambicionar ser protagonista do futuro

Portugal – O Pioneiro da Globalização foi um dos livros mais marcantes que pude ler nos últimos anos. Lúcido, robusto, bem fundamentado e bem escrito, é um texto essencial para quem quiser compreender as grandezas e as misérias do império e dos impérios ao longo da História e para quem ambicionar ser protagonista do futuro, influenciando dinâmicas e tendências num quadro de turbulência, complexidade e globalização em rede.

Carlos Zorrinho – Coordenador da Estratégia de Lisboa e do Plano Tecnológico Português.

Projectar o Futuro pelo Passado

Com **Portugal – O Pioneiro da Globalização**, o Prof. Tessaleno Devezas e o reputado especialista Jorge Nascimento Rodrigues dão-nos um contributo fundamental para a compreensão dos factores críticos na abordagem da importância da globalização ao longo da evolução histórica do nosso país.

Com um rigor inequívoco, a obra é um contributo fundamental para se perceber que, na moderna Sociedade do Conhecimento, a projecção do futuro, crítica em termos de entendimento da mudança, não pode ser feita sem um entendimento adequado do que foi na verdade a batalha pela presença no mundo do povo português.

Francisco Jaime Quesado – Gestor do Programa Operacional Sociedade do Conhecimento.

Uma importante mensagem

Este livro, extremamente bem pesquisado e com uma verdadeira orientação global, é um muito bem-vindo apelo à memória, especialmente para o leitor europeu, sobre a relevância mundial da experiência portuguesa. O *Processo de Lisboa*, iniciado no ano 2000 pelos líderes europeus, reunidos no Conselho Europeu em Lisboa, pretendia transformar a Europa na economia líder mundial pelo ano 2010. Muitos indicadores mostram que a Europa não atingirá este objectivo ambicioso. Este livro, baseado na melhor perspectiva da teoria evolucionista do sistema mundial, mostra-nos que existem coisas bem mais importantes para nos preocuparmos para além da Constituição Europeia, o acesso da Turquia ou o fortalecimento das fronteiras externas da União Europeia: a posição da Europa no sistema mundial. E, realmente, este pequeno país no canto sudoeste do continente europeu tem uma importante mensagem, e este livro – já disponível em inglês – deveria ser traduzido em diversas línguas.

Arno Tausch – Professor Adjunto de Ciência Política na Universidade de Innsbruck, Consultor do Ministério Federal de Assuntos Sociais e Protecção do Consumidor, Áustria.

Uma versão da globalização muito actual

Jorge Nascimento Rodrigues e Tessaleno Devezas escreveram um livro que encerra uma abordagem absolutamente original sobre o popular tema da globalização. A obra combina a teoria da Onda Longa, desenvolvida pelo economista russo Nikolai Kondratieff, com uma análise intrigante de como o domínio da navegação do mar por Portugal contribuiu para este franzino país dominar as rotas comerciais globais desde a América do Sul à África e à Índia. O que provavelmente é ainda mais fascinante sobre a versão portuguesa da globalização é que, apesar de os autores analisarem um período bem distante, de há 500 e 600 anos, ela se revela, a meu ver, muito actual.

*Peter Cohan – autor de best-sellers de management e consultor, Boston, Estados Unidos. Autor do recente **You Can't Order Change**.*

Surpreendente ligação ao pensamento actual

Acabei de adquirir o livro e deliciou-me a leitura sobre a Inovação Portuguesa – na verdade, uma obra intelectualmente refrescante, reveladora e profunda. Não só ampliou o meu conhecimento sobre a História Portuguesa como me surpreendeu pela ligação ao pensamento actual, ao vocabulário e pontos de vista dos dias de hoje – por exemplo, o programa de marketing ao papa e o uso de conceitos de gestão modernos. Uma leitura que me deu imenso gozo.

*Kevin Xavier Murphy – presidente da consultora
J.E. Austin Associates, Inc., Arlington, Estados Unidos.*

Uma nova imagem simbólica

Portugal – O Pioneiro da Globalização é uma obra fundamental para a afirmação e a projecção de Portugal no mundo e a sua publicação/tradução no estrangeiro deveria integrar a estratégia de acção externa portuguesa. O livro, ao descrever a inteligente acção comercial e política de Portugal nos séculos XV e XVI, projecta para o Portugal de hoje uma imagem de grande empreendedorismo e de capacidade de inovação, que é afinal a nossa vocação e que constitui aquilo que os autores designaram como «a Matriz portuguesa». Esta projecção parece-me especialmente poderosa para a afirmação das empresas portuguesas no estrangeiro, que assim verão a sua imagem capitalizar em termos de confiança, competência e dinamismo. E assim se constrói uma nova imagem simbólica portuguesa, baseada não num discurso místico difuso, mas numa antiga e valiosa sabedoria estratégica no campo do comércio e da política.

*José Carlos Costa Dias – Representante do Instituto Camões
em Varsóvia e em Lublin, Polónia.*

Abordagem não-nacionalista

É fundamental fazerem-se abordagens não-nacionalistas na revisitação do fenómeno do aprofundamento e alargamento da mentalidade ‘científica’ entre figuras-chave do processo dos ‘Descobrimentos’, se queremos entrar em diálogo com os historiadores não-portugueses, especialmente com os mais influentes na historiografia contemporânea. Nas últimas décadas tem, na verdade, surgido muita nova informação que é ou ainda desconhecida ou

pelo menos insuficientemente conhecida fora de Portugal e que merece figurar na narrativa do período que conduziu à emergência da ciência e tecnologia modernas. Esperemos que este livro consiga captar a atenção daqueles que beneficiariam com a sua leitura.

*Onésimo T. Almeida – Department of Portuguese and Brazilian Studies,
Universidade de Brown, Estados Unidos.*

Resiliência e gestão de alianças

Pode-se adiantar que se trata de um livro no mínimo instigante, senão revelador. (...) Os autores advogam que a globalização não teria surgido apenas após a queda do Muro de Berlim e a derrocada da União Soviética. Com uma visão sistémica, de formação e evolução do grande sistema mundial, seria um fenómeno que integra e atravessa de forma sincronizada todos os seus componentes: económicos, políticos, sociais e culturais. Mostram que a «abertura ao exterior» é fundamental para perceber e entender as mutações nas sociedades. E o inédito neste livro é a utilização, ao lado de sólido embasamento histórico, de princípios físicos e ferramentas matemáticas, construindo modelos científicos. Os autores revelam características únicas de Portugal: a sua resiliência, desde a sua fundação em 1143, mantendo-se como Estado-Nação independente e com fronteiras praticamente inalteradas desde então. Como protagonista global ou mesmo depois, declinando estrategicamente para a periferia, revela uma grande habilidade e saber na gestão de alianças geoestratégicas.

*Rose Mary A. Lopes, Faculdade de Economia da Fundação
Armando Álvares Penteado (FAAP), São Paulo, Brasil.*

Das emoções à demonstração

Por volta de 1600, Kano Domi e Kano Naizen pintaram as primeiras fotografias da Humanidade. Em 1959, a minha mãe mostrou-mas no Museu Nacional de Arte Antiga. Em 2005, o Professor Tessaleno Devezas provou-me com uma demonstração que a matemática é capaz de levar à economia a emoção que eu senti em 1959. Afinal, a demonstração também evidenciava que aquilo que os talentos de Kano Domi e Kano Naizen exprimiram em 1600 resultava da globalização. A partir daquele momento e graças à investigação apresentada

neste excelente livro, aquilo que eram sensações, intuições, especulações, são afinal parte do conhecimento da evolução do *homo sapiens sapiens* e da sua humanidade.

Fernando Carvalho Rodrigues – Director do Programa «Ciência para a Paz e Segurança» da NATO, Bruxelas.

Os contornos sistémicos da actual ordem

Este livro é um ataque, fora de campo, às principais suposições sobre a globalização. É uma boa demonstração do caso português como o pioneiro da fase europeia da globalização. Diferencia-se marcadamente do seu predecessor, em que predominaram as trocas de ideias – por exemplo, o estudo extensivo da Índia pelo chinês Hieun Tsang no séc. VII e pelo académico árabe Alberuni no séc. X. A Europa, pelo contrário, não estudou nem observou – interveio, comerciando produtos e serviços (sobretudo militares), conquistando e possuindo, mantendo os concorrentes fora do terreno, estabelecendo os ingredientes da vantagem comparativa nos seus próprios termos. Este processo não foi apenas fruto de personalidades e da sorte, mas foi derivado da influência mútua entre sistemas, tecnologia e finança. O livro **Portugal – O Pioneiro da Globalização** estabelece uma base objectiva para a fase da globalização europeia inspirada pelos portugueses, em termos de ciclos longos baseados nas ondas K. Define os contornos sistémicos da actual ordem mundial. E como assistimos hoje a um dos estágios finais desta ordem, com o regresso da China e da Índia ao domínio global, o livro oferece algumas ‘dicas’ sobre o que tal mudança poderá significar para os vencedores e as vítimas de amanhã.

*Ashutosh Sheshabalaya – consultor e autor (Made in Índia:
A próxima superpotência económica e tecnológica, Centro Atlântico)
India-Advisory, Bruxelas e Bangalore*

PORTUGAL

O PIONEIRO DA GLOBALIZAÇÃO

A Herança das Descobertas



Jorge Nascimento Rodrigues
Tessaleno Devezas

PORTUGAL – O PIONEIRO DA GLOBALIZAÇÃO

A Herança das Descobertas

Editor

Centro Atlântico

Colecção

Desafios

Autores

Jorge Nascimento Rodrigues

Tessaleno Devezas

Coordenador editorial

Jorge Nascimento Rodrigues

Revisão e copydesk

Catarina Nascimento Rodrigues

Capa e paginação

António José Pedro

Imagem de capa

A imagem do «Mapa de Cantino» é utilizada sob concessão do *Ministero per i Beni e le Attività Culturali* de Itália.

Impressão e acabamento

Papelmunde – SMG, Lda

1.ª edição (revista e ampliada): Julho de 2009

ISBN: 978-989-615-077-8

Depósito Legal:/09

© Centro Atlântico, Lda., 2009

Ap. 413

4764-901 V. N. Famalicão, Portugal

geral@centroatlantico.pt

www.centroatlantico.pt

Reservados todos os direitos por Centro Atlântico, Lda.

Qualquer reprodução, incluindo fotocópia, só pode ser feita com autorização expressa dos editores da obra.

Ao Professor George Modelski,
cientista político e fundador da teoria
dos ciclos longos hegemónicos, justa
homenagem à sua sabedoria e
passado criativo inserido no presente.



À geração dos jovens portugueses
nascidos nesta transição de milénio,
actores, gestores e decisores pelo ano 2030,
como uma mensagem de saber a inserir no futuro.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao BancoBIC Português, SA.; ao BancoBIC Angola; à Cisco Systems Portugal, Lda.; à Euronavy – Tintas Marítimas e Industriais, SA.; à Critical Software, SA.; à Newvision, Sistemas Inteligentes para Soluções de Atendimento, Lda.; e à Noksys Informática, SA. o apoio à investigação que conduziu à reedição ampliada e revista desta obra. Agradecem, ainda, à Fundação Calouste Gulbenkian, à Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, à Cisco Systems Portugal, à Global Change Consultores Internacionais, Lda. e à Fundação Oriente pelos apoios iniciais à publicação e divulgação da primeira edição deste livro.

No campo da divulgação internacional, agradecem à Dr.^a Manuela Bairos, Cônsul-Geral de Portugal em Boston, pelo convite para a apresentação da primeira edição durante a realização do 2007 Boston Portuguese Festival, bem como ao Instituto Camões em Varsóvia e ao Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia pela apresentação da primeira edição na Polónia em 2008. Também agradecem aos Professores Dr. Marcelo Lopes de Oliveira e Souza, Dr.^a Rose Mary Almeida Lopes e Dr.^a Anna Mathilde Pacheco Chaves, bem como à Livraria Almedina, pelos apoios ao lançamento da primeira edição desta obra em São Paulo, no Brasil, em 2008.

Uma palavra de agradecimento, ainda, ao contributo dos Professores Dr. Luiz Carlos Miranda e Dr. Carlos Lima, investigadores respectivamente do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), em São José dos Campos, São Paulo, Brasil, e da Universidade de Campinas, São Paulo, Brasil, cuja refinação da análise matemática da Expansão permitiu clarificar a sua fase final e aprofundar a análise das razões do declínio estratégico português, aspectos que têm um tratamento mais desenvolvido nesta edição revista.

Agradecem ao Editor pelo seu incentivo à conclusão desta reedição ampliada e revista, fruto de uma investigação mais aprofundada da dinastia de Aviz e do seu papel na projecção geopolítica portuguesa.

Uma nota final de agradecimento para todos os leitores que, pessoalmente ou por correio electrónico, manifestaram o seu apreço pelo projecto de demonstração do pioneirismo português e enviaram sugestões e críticas que os autores analisaram e tiveram em linha de conta.

A título pessoal, o autor Tessaleno Devezas deseja expressar a sua gratidão, em primeiro lugar, aos Engenheiros Ricardo Manuel Costa da Silva e João Carlos Fragoso Guerra que, em 1999, ainda como alunos da disciplina de Técnicas de Previsão do curso de Engenharia da Produção e Gestão Industrial da UBI, num trabalho de investigação para a disciplina, obtiveram o primeiro gráfico para medir a «*intensidade de actividade dos portugueses durante as Descobertas*», o que originou a motivação para investigar mais a fundo o tema, de que resultaram algumas publicações internacionais e este livro. Ao amigo Prof. Doutor Fernando Carvalho Rodrigues agradece pelos ricos diálogos e incentivo, e por chamar à atenção para o facto dos Biombos *Namban* representarem a primeira ‘fotografia’ da globalização e do Atlas de Lázaro Luís conter o primeiro mapa detalhado das ilhas nipónicas, já usando o nome actual (Japão). Finalmente, à sua esposa Vanda, pelo constante apoio revelado através da sua inconfundível alegria de viver e espírito de companheirismo.

O autor Jorge Nascimento Rodrigues expressa, também, a título pessoal, a sua enorme dívida para com José Gonçalves, já falecido, um Professor de História de excepção, que, no princípio dos anos 1960, no Liceu de Leiria, motivou centenas de alunos para a paixão por esta disciplina essencial, bem como ao historiador Adriano Vasco Rodrigues por ter cultivado na família a dedicação à História Portuguesa.

SUMÁRIO

Prólogo	17
Guia de Leitura	23
Introdução – Em «Defensão» do Pioneirismo Português	29



PARTE I	
CRÓNICA DA ASCENSÃO DA GLOBALIZAÇÃO PORTUGUESA	51

CAP. 1	Os Precusores	53
	PAINEL I – Os ‘Dragões Exploradores’: a Expansão Chinesa interrompida	64
CAP. 2	O Início da Expansão: um País Geo-Bloqueado	68
	PAINEL II – A grande manobra de desinformação	81
CAP. 3	A Saga ‘Henriquina’: do Corso Atlântico ao Preste João	85
	PAINEL III – O Infante do chapéu preto borgonhês	102
CAP. 4	O Plano da Índia e o Choque «Colombino»	107
	PAINEL IV – Os espiões d’El Rey	132
CAP. 5	O Projecto Imperial Manuelino	136
	PAINEL V – O impacto geoestratégico da Batalha de Diu (1509)	171
	5 IDEIAS-CHAVE RAPIDAMENTE	175
	MAPA – Extensão territorial planetária das explorações portuguesas nos séculos XV e XVI	177



PARTE II

A VANTAGEM TECNOLÓGICA E O CICLO LONGO PORTUGUÊS

179

CAP. 6	Os Portugueses como Construtores de Sistemas	181
	PAINEL VI – Os 5 argumentos fundamentais do pioneirismo português	184
CAP. 7	O Ambiente Técnico-Político-Científico da 1ª Fase da Expansão	186
	PAINEL VII – O Ciclo Longo de Portugal: A 1ª fase da Expansão	197
CAP. 8	O Ambiente Técnico-Político-Científico da 2ª Fase da Expansão	199
	PAINEL VIII – O Ciclo Longo de Portugal – A 2ª fase da Expansão	211
CAP. 9	A Análise Quantitativa	213
	GRÁFICO I – Expansão Portuguesa	215
	GRÁFICO II – Soma acumulada de Expedições/ Campanhas	217
	GRÁFICO III – Desdobramento do Ciclo Longo de Portugal	220
	GRÁFICO IV – <i>Network</i> global de bases	222
	TABELA I - Distribuição dos eventos segundo categorias	227
	GRÁFICO V – Distribuição dos eventos por categorias	228
	PAINEL IX – As três fases do Ciclo Longo de Portugal	231
CAP. 10	Os Cinco Impactos da Expansão Portuguesa	233
	ENCARTE I – Planisfério «Cantino» (1502)	241
	ENCARTE II – Biombo Namban (1603-1610)	249
	PAINEL X – Porquê um império em rede?	273
	5 IDEIAS-CHAVE RAPIDAMENTE	275



PARTE III

SISTEMA MUNDIAL, EVOLUÇÃO E APRENDIZAGEM

277

CAP. 11	O Sistema Mundial e as Ondas de Kondratieff	279
	GRÁFICO VI – Representação esquemática de uma onda de Kondratieff	289
	PAINEL XI – As quatro ondas K desde o advento da Revolução Industrial	290
CAP. 12	Construção de Sistemas e Taxa de Aprendizagem	292
	PAINEL XII – Conceitos-chave sobre a construção de sistemas	297
CAP. 13	Os Ciclos Longos das Potências Mundiais	298
	PAINEL XIII – Os Ciclos Longos das potências mundiais	307
CAP. 14	Técnica, Tecnologia e o Mecanismo das Ondas	309
	PAINEL XIV – A nau ‘Frol de La Mar’	313
CAP. 15	A Vertente Científica da Expansão	316
	PAINEL XV – Os nossos ‘Nobel’ de Quinhentos	323
	5 IDEIAS-CHAVE RAPIDAMENTE	330



PARTE IV

A ARTE DE SOBREVIVER NO DECLÍNIO E QUEDA

333

CAP. 16	O Começo do Recuo Estratégico	335
	PAINEL XVI – Os dois projectos imperiais peninsulares	366
CAP. 17	O Estigma da Nova Dinastia dos Bragança	374
	PAINEL XVII – Como Portugal perdeu a corrida da ‘Economia Política’ prática	397

CAP. 18	Quando o Império Gerou a «Rússia Tropical»	403
	PAINEL XVIII – Como nasceu um BRIC	415
CAP. 19	Crónica do Fim da Mais Velha Aliança do Mundo	420
	PAINEL XIX – A crise do <i>Ultimatum</i>	429
CAP. 20	Ascensão e Queda de uma Ditadura	431
	PAINEL XX – 6 lições de Cinco Ciclos	460
	5 IDEIAS-CHAVE RAPIDAMENTE	468
	Epílogo – As Lições da Expansão	471
	PAINEL XXI – 10 ingredientes fundamentais da «Matriz das Descobertas»	502
	5 IDEIAS-CHAVE FINAIS	505



APÊNDICE I – A Evolução da Geoestratégia Portuguesa de Ceuta ao Ouro de Minas Gerais (Ensaio de Periodização)	507
APÊNDICE II – Pequeno Dicionário da Nova Ciência da Dinâmica Histórica	521
APÊNDICE III – Factos e Datas	527
Bibliografia	555
Notas	561

PRÓLOGO

*«É Lisboa um mar profundo / De vária navegação;
/É um compêndio do mundo, /Aonde tudo acharão.
/Ásia, África, Europa. /Nova Terra, mundo novo.
/Comércio, Nobreza, Povo. / Tudo se anda a vento pôpa.»*

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE, **Epístola IV** (séc. XVI), publicado em **Obras do Licenciado André Falcão de Resende, natural de Évora** (1860).

Agostinho da Silva apaixonou-se pelo nosso primeiro Cabo Canaveral da Expansão no reino do Algarve. Dali saíram aventureiros do corso, «achadores» de ilhas desabitadas e raptos de escravos nas primeiras décadas de Quatrocentos. Depois navegadores em busca de ouro em pó na costa africana ocidental e de uma figura lendária, o Preste João, chegando a subir rios à sua procura. Lagos foi o primeiro ‘cais’ virado ao Mar Oceano, em grande parte ignoto e temido, recordou o filósofo português.

Depois o ouro da Mina encheu as caravelas e Lisboa tornou-se o novo ‘cais’. Dali partiram os primeiros navegadores para contornar a mítica ponta de África e tentar chegar ao Golfo Árábico, entrando no Oceano Índico, então o centro económico do mundo. Bartolomeu Dias venceria o Adamastor e o Plano da Índia deixou de ser um sonho de João II para se tornar uma nova rota.

Finalmente, a viagem experimental de Vasco da Gama mudou, não apenas, as relações de força no Índico – mudou Lisboa que se tornou, nos anos de 1500, o «compêndio do mundo», como cantava André Falcão de Resende, amigo de Camões. Mudou, também, o próprio mundo. Globalizou-o. O monarca que viveu este auge teve

uma vertigem hegemónica e julgou poder criar um império mundial e ser sagrado «Rei dos Reis». O projecto manuelino não se concretizou plenamente, mas o império em rede criado pela Expansão Portuguesa tocou os quatro continentes e provocou o nascimento do verdadeiro comércio globalizado.

Mas esta saga continua a ser colocada em segundo plano por muitas correntes de historiadores, economistas e analistas da geopolítica quando analisam a ‘fractura’ histórica que ocorreu em Quinhentos. Uma mudança sistémica, porventura, tão importante quanto a que os chineses haviam levado a cabo cinco séculos antes com a invenção do capitalismo comercial e do papel-moeda.

As viagens de Colombo – cuja naturalidade é disputada ainda hoje entre portugueses, catalães e genoveses – e o achamento do Novo Mundo, que viria a ser baptizado de América, tomaram a dianteira por diversas razões que questionamos neste livro. O que coloca aos historiadores e aos entusiastas da Expansão Portuguesa um desafio. Repto que a primeira edição deste livro aceitou, procurando recolocar na actualidade o pioneirismo português.

Paradoxos que acicataram a curiosidade

Os próprios autores defrontaram-se com dois paradoxos.

Portugal era, então, um reino esquecido no extremo ocidental da Europa, banhado pelo Mar Oceano carregado de mitos tremendos, distante do pólo económico europeu centrado no Mediterrâneo, e barrado do caminho para o centro do continente pelos outros reinos peninsulares. A Europa vanguardista ‘vivia’ no Lago Mediterrânico, onde se espriavam os impérios de Génova, de Aragão e Catalunha e de Veneza.

Quando os políticos portugueses começaram a magicar a Expansão, em 1412, e deram os primeiros passos ao longo das três décadas seguin-

tes, os senhores da Sereníssima República dos Leões de São Marcos dominavam o comércio das *commodities* de alto valor entre a Europa e o Oriente e os circuitos das especiarias, das pedrarias e dos artigos de luxo dentro do nosso continente. Veneza era, então, considerada a primeira potência mundial.

Como foi possível a um intruso, pobre e ignorado, fora da elite europeia da cultura e do comércio, concretizar o projecto de primeiro império oceânico global, algo que em si mesmo é das maiores inovações geopolíticas de sempre?

Este foi o primeiro paradoxo que quisemos desvendar com o projecto editorial lançado em 2007.

O segundo enigma tem a ver com a própria dinâmica da Expansão. Apesar de pobre e periférico ao eixo de então, o pequeno rectângulo mais ocidental conseguiu desenvolver uma assinalável vantagem científica e tecnológica que aplicou às navegações em termos de transportes, gestão, logística e uso da força. O que é paradoxal – pois o Oriente revelava uma clara vantagem comparativa nos produtos de luxo e nos recursos naturais de alto valor que dominavam o comércio transnacional de então.

Como aconteceu essa vantagem tecno-militar num país subdesenvolvido em relação às Repúblicas marítimas mediterrânicas e às grandes potências do Oriente?

Foi este o segundo paradoxo que nos levou a esta aventura escrita.

A Motivação científica

A motivação académica para a publicação da primeira edição deste livro deveu-se à grande curiosidade despertada sobre o tema após a apresentação do estudo de investigação original sobre a demonstração científica do pioneirismo português num seminário internacional («Globalization

as Evolutionary Process»), realizado no IIASA (International Institute for Applied Systems Analysis), situado em Laxenburg, Áustria, em Abril de 2006, e patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

O conjunto de resultados científicos apresentados muito sinteticamente neste livro está publicado em detalhe no periódico científico *Globalizations*¹.

A reedição agora realizada bebeu nas muitas críticas e sugestões recebidas de leitores e de especialistas ao longo de mais de ano e meio, levando a uma modificação da própria estrutura do livro original, ao tratamento mais ampliado de alguns capítulos e à supressão de outros, como os ligados à prospectiva, que serão matéria de outro livro. A própria complexidade da demonstração científica foi reduzida de modo a que um público mais vasto possa seguir, sem saltos, o fio condutor desta obra.

Este livro é fruto de uma parceria entre dois autores com caminhos académicos e profissionais diferentes: um investigador científico de carreira internacional, nascido no Brasil e actualmente a trabalhar na Universidade da Beira Interior, na Covilhã, e um português editor de portais e blogues na Web, autor de diversos livros e jornalista de temas de gestão e tecnologia, baseado em Lisboa. Reflecte, por isso, o cruzamento de duas abordagens que se verificaram complementares.

A Metodologia

Contar a história do período da Expansão Portuguesa na óptica da emergência do primeiro ciclo da globalização exigiu a escrita deste livro em função de cinco traves mestras metodológicas: uma descrição evolutiva, uma demonstração científica do sentido da sequência dos eventos ocorridos, um equilíbrio entre protagonistas principais e contexto, uma aproximação simétrica à realidade e uma narrativa sem ornamentações ligadas a uma visão predestinada da História Portuguesa.

Primeiro, a história da geoestratégia deste período é contada como um processo evolutivo, contrário à ideia de que o intento estratégico era algo escrito nas pedras logo à partida, quiçá uma missão predestinada e messiânica interpretada por semidivindades, como fez escola desde os cronistas do século XV até à corrente da historiografia oficial do tempo da ditadura do Estado Novo. Optámos, por isso, nesta reedição, por levar o leitor a viajar, logo no começo do livro, pela evolução das estratégias e dos contextos de século e meio de ouro da Expansão Portuguesa. Também a história, resumida, do pós-Descobertas até à adesão à União Europeia é feita na mesma lógica evolutiva.

Em segundo lugar, a demonstração científica permite dar ao filme dos acontecimentos um suporte objectivo que emana da interpretação matemática e da visualização gráfica, tornando evidentes os pontos de inflexão do longo ciclo geopolítico português. Como o leitor poderá verificar, é enorme a coincidência entre essa ‘leitura’ matemática e os eventos individuais ou o agrupamento de eventos com importância decisiva na história política, militar ou diplomática que fundamentam as hipóteses de interpretação de muitos aspectos que continuam polémicos ou obscuros.

Terceiro, procurou-se um equilíbrio entre o papel dos protagonistas principais desta época, detentores das rédeas do poder e envolvidos como primeiros decisores e agentes geopolíticos, e o contexto de tendências de fundo que ‘empurravam’ a evolução da história no sentido da Expansão global e das mudanças de liderança hegemónica.

Em quarto lugar, tentámos apresentar um estudo simétrico dos acontecimentos em que estiveram envolvidos os portugueses, ou seja recorrendo a fontes diversas, e por vezes contraditórias, sobre os principais participantes no jogo geoestratégico da época – e não só à História de Portugal ou às interpretações dominantes na historiografia nacional. Por isso, recorreremos igualmente aos olhares de outros historiadores sobre a saga das ‘Descobertas’, com pontos de vista distintos dos portugueses, como é o caso da corrente de historiadores indianos, tal

como à história dos movimentos e das percepções das outras grandes potências naquele período, nomeadamente venezianos, genoveses, catalães e castelhanos.

Finalmente, é possível que, por vezes, choque a crueza de certas explicações e visualizações do que terá ocorrido na época, bem distantes da fanfarronice heróica a que muitas versões da história dos ‘Descobrimentos’ nos habituaram. Procurámos ser fiéis às palavras sábias do cronista Fernão Lopes que detestava a «favoreza»² na narração histórica: «Se outros, porventura, nesta crónica buscam formosura e novidade de palavras, e não a certidão das estórias, desprazer-lhes-á o nosso razoado, muito ligeiro a eles de ouvir e não sem grande trabalho a nós de ordenar. Mas nós, não curando de seu juízo, deixados os compostos e enfeitados razoamentos, que muito deleitam aqueles que ouvem, antes pomos a simples verdade do que a afremosentada falsidade»³.

Lisboa e Covilhã, Maio de 2009

JORGE NASCIMENTO RODRIGUES e TESSALENO DEVEZAS

GUIA DE LEITURA

Para refrescar a memória do leitor sobre a história portuguesa de Quatrocentos e Quinhentos inicia-se esta edição do **Portugal – O Pioneiro da Globalização** com o filme evolutivo daquela época.

Na **Parte I** desta obra pode encontrar uma observação empírica do ponto de vista das mudanças geopolíticas nos anos de 1400. O Capítulo 1 enquadra o leitor no momento que atravessavam os precursores da globalização e ensaia um desenho de como se abriu uma janela de oportunidade na cena internacional que foi aproveitada pela decisão estratégica do monarca português fundador da dinastia de Aviz de iniciar a projecção exterior do país.

O recuo político dos ‘Dragões Navegadores’ chineses ao serviço dos imperadores Ming é abordado no PaineI I. O leitor ficará surpreso com a Expansão Chinesa, recentemente redescoberta nos seus detalhes e grandiosidade, e com a sua abrupta paralisia. Fica o cordão histórico que nos liga a uma das grandes potências em foco hoje em dia sob a designação de BRIC (acrónimo para as quatro grandes potências emergentes: Brasil, Rússia, Índia e China).

Os quatro capítulos seguintes contam a crónica da evolução da Expansão Portuguesa nos seus quatro momentos-chave: a decisão de iniciar a projecção para o exterior aproveitando uma janela de oportunidade geopolítica no início da dinastia de Aviz; o surgimento das primeiras navegações e do móbil político e económico de ir além do Bojador durante cinquenta anos; o momento decisivo do Plano da Índia e os primeiros tratados mundiais de divisão de zonas de influência geopolítica; e, finalmente, a era de ouro das ‘Descobertas’ com a chegada a Calecut e com o processo posterior de formulação de um projecto imperial global, temperado por vários contratemplos.

O leitor poderá encontrar dois Painéis particularmente curiosos: o dos espiões de João II (Painel IV) e, a finalizar, a batalha naval de Diu (Painel V), momento auge da afirmação hegemónica portuguesa, e que já foi tema de outro livro recentemente publicado pelos autores: **1509 – A Batalha que Mudou o Domínio do Comércio Global**. A Índia – das especiarias – surge como o grande horizonte da Expansão Portuguesa e marca outro laço indissolúvel da nossa história com mais um BRIC da actualidade.

Personagens polémicas como o Infante Henrique – aqui narrado na versão ‘não romântica’ e na sua capacidade de sobrevivência e adaptação políticas sem par –, Cristóvão Colombo, cuja hipótese de ter sido mais um espião português ao serviço de João II continua em cima da mesa, bem como o incrível Gaspar da Índia capturado por Vasco da Gama nas Ilhas do Canto IX de Camões e tornado num personagem influente da corte manuelina em Lisboa dão o colorido à trama histórica relatada nesta Parte.

O leitor encontrará ainda a apresentação de **hipóteses de explicação** sobre como nasceu a projecção de poder portuguesa no início de 1400, como evoluiu o intento estratégico de Expansão ao longo de cem anos através de objectivos que foram mudando por adaptação às oportunidades e fruto das lutas de interesses em torno dos circuitos de *commodities* de alto valor da época, até ao debate – que continua de pé – sobre o projecto imperial manuelino, as suas virtualidades e as suas limitações.

Esta Parte termina com o **Mapa** da Expansão Portuguesa (página 177), que dá uma visão muito clara do que o historiador Luís Fernandes Thomaz designou como «**um império em rede**» (*network*, a palavra chave dos tempos actuais), um espaço geopolítico oceânico absolutamente original na História até aquela data.

Na Parte II, convida-se o leitor a entrar na demonstração científica da originalidade mundial dos acontecimentos do filme que acabou de ler na Parte anterior.

Aplicando modelos de interpretação das mudanças geopolíticas e das dinâmicas económicas cíclicas de longo prazo – que se explicam, do ponto de vista técnico, mais adiante, na Parte III – a uma análise quantitativa da Expansão Portuguesa, o pioneirismo português na criação da globalização é demonstrado extensivamente em duas fases de desenvolvimento centradas em duas *commodities* principais (o ouro da Guiné e as especiarias das Índias) e visualizado em alguns gráficos e tabelas de leitura simples. A análise quantitativa da Expansão, no Capítulo 9, integra os contributos recentes de dois investigadores brasileiros que permitem uma visualização mais ‘fina’ de todo o longo processo entre 1415 e a queda final do poder mundial português no século XVII.

A fechar esta Parte, no Capítulo 10, o leitor encontrará uma síntese sobre os cinco grandes impactos das ‘Descobertas’, bem como a revelação de **duas imagens fulcrais da globalização** portuguesa – o famoso «Mapa de Cantino» dos anos 1500 e os incríveis biombos japoneses *Namban* retratando, no início do sec. XVII, a amálgama humana, cultural e política embarcada na famosa Nau do Trato negra portuguesa aquando da sua chegada anual às terras do Império do Sol Nascente. A inserção nesse capítulo dos dois encartes ilustrados do Mapa-mundo de 1502 (página 241) e de um dos biombos japoneses (página 249) poderá levar o turista acidental de História a desfrutar o que pode ser visto, no original, respectivamente, na Biblioteca Estense Universitária de Módena, em Itália, ou, em Lisboa, em grandes dimensões, no Museu Nacional de Arte Antiga.

Para uma melhor compreensão do ‘modelo’ geopolítico e económico subjacente ao olhar sobre o filme da Expansão Portuguesa e à análise quantitativa dos eventos, desenvolve-se, na **Parte III**, uma explicação dos conceitos de globalização, sistema mundial, vagas longas técnico-económicas, ciclos longos geopolíticos e papel da inovação que foram introduzidos pelos cientistas políticos George Modelski e William Thompson, bem como pelos grandes economistas Nikolai Kondratieff e Joseph Schumpeter.

A Expansão Portuguesa é, então, enquadrada nos nove ciclos longos geopolíticos ocorridos desde o início do capitalismo, nos tempos da dinastia Sung chinesa do século IX, até ao domínio hegemónico norte-americano no século XX. O ciclo longo português é, curiosamente, o quinto, sem que isso nada tenha a ver com os mitos do «Quinto Império», e apresenta dois ingredientes originais, absolutamente novos: os portugueses inovaram na própria arte de inovar e iniciaram a globalização, algo que os precursores – chineses, italianos, catalães e mesmo muçulmanos – acabaram por não concretizar.

Esta Parte termina com uma eleição de dois vultos científicos portugueses do Renascimento – o navegador experimentalista e filósofo João de Castro e o grande matemático Pedro Nunes – nomeados os **nossos ‘Nobel’ de Quinhentos** (Painel XV).

Depois desta viagem aos fundamentos teóricos, retomamos o fio da história portuguesa da Expansão na sua fase de declínio estratégico na **Parte IV**. Após o auge manuelino, seguiu-se o pragmatismo de João III e um processo evolutivo de quase sessenta anos em que o *turnaround* da crise estratégica e económica não foi conseguido, desaguando num final conhecido: o toque de finados com a derrota dos portugueses em Alcácer Quibir e a emergência da Monarquia Dual Ibérica sob a coroa espanhola dos Felipes de Habsburgo.

As razões do declínio estratégico, sobretudo a partir da segunda metade do reinado de João III, e da queda final do poder mundial português face à ofensiva holandesa e inglesa ocupam o lugar de destaque nesta parte da obra. Mais tarde, a viagem do ouro do Brasil até ao «grito do Ipiranga» – paradoxalmente devido a Napoleão, à deslocação da corte lisboeta para o Rio de Janeiro e a um erro estratégico dos liberais portugueses – fecha com o nascimento de mais um BRIC da actualidade, a que nos ligam laços históricos também indissolúveis (ver Capítulo 18, «Quando o Império gerou a Rússia Tropical», e o Painel XVIII, «Como nasceu um BRIC»).

A ascensão e a queda da ditadura salazarista ocupam o último capítulo desta parte, fechando com uma síntese das **seis lições dos cinco ciclos da globalização** – português, holandês, dois britânicos, e o norte-americano até à actualidade (Painel XX). Algumas delas poderão ajudar *a ver* no meio da turbulência actual.

É um lugar-comum dizer-se que «a História se repete» – em padrões de comportamento, naturalmente, mesmo em algumas cenas, mas nunca apagando a inovação e a surpresa que dão a riqueza a cada novo ciclo longo geopolítico – e, por isso, o seu estudo permite ver **para diante**. No Epílogo, ensaiam-se duas abordagens de ‘lições’ da História: uma sobre a Expansão Portuguesa, em que se apresenta o que se baptizou de «**Matriz das Descobertas**» (Painel XXI), e outra sobre a necessidade de uma reflexão estratégica independente.

No final de cada Parte apresentamos 5 ideias-chave a reter. Nos apêndices, o leitor poderá encontrar uma contribuição para uma tentativa de periodização da Expansão Portuguesa (Apêndice I), um pequeno dicionário da nova ciência da Dinâmica Histórica (Apêndice II), bem como um registo de factos e datas numa cronologia (Apêndice III) que serviu de suporte à análise quantitativa dos eventos do ciclo longo português.

Finalmente, na bibliografia, poderá encontrar as obras efectivamente consultadas que permitiram fundamentar as hipóteses de investigação. Ao leitor mais especializado ou curioso, as muitas notas de cada capítulo, que arrumamos no final do livro, podem abrir pistas para uma investigação mais aprofundada.

Na verdade, o leitor até pode saltar entre capítulos, ou voar de um painel a outro mais distante, ou começar pelas ilustrações – no Índice tem todos os títulos dos capítulos e painéis, bem como das ilustrações –, mas a nossa recomendação é que siga o fio à meada, dos precursores até ao final.

Uma boa leitura. Aguardamos os seus comentários para *geral@centroatlantico.pt*

O sítio desta reedição pode ser consultado na web em: *<http://www.centroatlantico.pt/globalizacao>*

INOVAÇÃO & ESTRATÉGIA NA HISTÓRIA MODERNA

As lições da História de Portugal, de Ceuta (1415) a Bruxelas (1986)

- Porque foram os Portugueses de Quatrocentos e Quinhentos pioneiros na Globalização?
- Porque deram «novos Mundos ao Mundo», como disse o maior poeta português?
- Qual foi o papel do Infante Henrique, «o Navegador», e do monarca João II, hoje recordados como «Grandes Portugueses»?
- Qual era o grande projecto imperial de Manuel I que, em menos de vinte anos, transformou Portugal numa potência global?
- Quais eram as divergências entre o vice-rei Francisco de Almeida e o governador Afonso de Albuquerque?
- Porque os espanhóis nos ‘roubaram’ Cristóvão Colombo e Fernão de Magalhães?
- O que matou o ciclo português?
- Porque se entusiasmou Fernando Pessoa com o «Quinto Império» e o mito sebastianista?
- Qual o segredo da diferença portuguesa?

No meio de um afã desmedido pela conquista de novas rotas comerciais e pelo controlo do negócio das *commodities*, o mais ocidental e periférico país europeu viu emergir um intento estratégico que lhe valeu *o lugar único de primeira potência global*. Nunca os imperadores mongóis ou chineses, nem os mercadores e estrategos das Repúblicas Marítimas italianas lá haviam chegado. Os que se seguiram ‘copiaram’ muito da experiência portuguesa e ‘corrigiram’ os erros estratégicos.

A História não se engana: os Portugueses de Quatrocentos e Quinhentos, ao longo de um processo evolutivo de mais de cem anos, foram os pioneiros na inovação tecnológica e geoestratégica numa época de transição. Valeram-se do improviso organizacional, de uma lógica incremental e de um pensamento *out-of-the-box*. Souberam agarrar uma janela de oportunidade da História que não se repetiria. Este livro demonstra, com base numa investigação científica, a originalidade portuguesa.